

# X Encontro Nacional dos TOC



7 de julho 2012  
Viseu



OTOC  
ORDEM DOS TÉCNICOS  
OFICIAIS DE CONTAS



Fotos: Nuno André Ferreira



## Um dia de lazer na «Ordem dos trabalhadores»

### X Encontro Nacional dos TOC, em Viseu

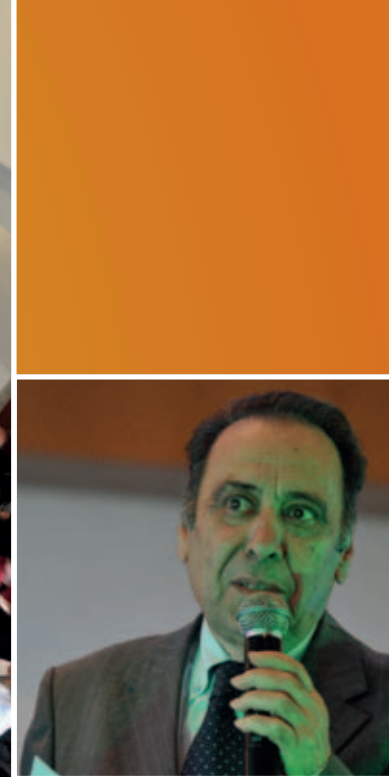
**M**anhã cedo, o céu nublado e o nevoeiro não pressagiavam nada de bom. É certo que a folha do calendário indicava 7 de julho, mas o verão, está longe de ser o que era. Na cidade que terá visto nascer Grão Vasco, a chuva miudinha foi engrossando. Temia-se que muitos dos que haviam confirmado a sua presença no X Encontro Nacional dos TOC, em Viseu, prescindissem da primeira etapa do convívio, agendada para o Solar do Vinho do Dão, na Mata do Fontelo. Puro engano. Diante do grupo de Zés Pereiras, «Os Parentes», de Teivas, arredores da capital viseense, desfiliavam membros, acompanhados pelas suas famílias, que procuravam vencer, especial-

mente os mais desprevenidos, a quase impossível tarefa de escapar por entre os pingos de chuva que teimavam em querer estragar a festa. Já devidamente abrigados, os participantes aconchegaram o estômago com uns aperitivos e a prova dos apetecíveis vinhos da região. O relógio passava alguns minutos das 9 horas, mas foram poucos os que resistiram ao Dão de Honra. Demasiado cedo? Talvez sim para um lisboeta «destreinado», tarefa obrigatória para um beirão que se preze. E eram muitos, a maioria, os que participaram no convívio anual dos TOC que juntou quase cinco centenas de pessoas. O grupo de cantares «Pedra Moura» deu música a todos no belo solar do Dão, propriedade da autarquia.

### S. Pedro deu tréguas

A segunda etapa do Encontro estava prevista para a Sé. A chuva fez com que muitos participantes preferissem tomar o comboio turístico até ao emblemático monumento viseense enquanto outros, mais temerários, estugaram o passo para fazer um percurso de 10 minutos até à imponente zona velha. A catedral, autêntica jóia arquitetónica da região, começou a ser construída no século XII, em pleno reinado de D. Afonso Henriques. Uma verdadeira «enciclopédia de estilos», onde se misturam o romano, o manuelino e o barroco.

Um compromisso de última hora impediu o bispo Lídio Leandro de presidir ao ato religio-



so. Coube ao cônego José Henrique, pároco da freguesia vizinha de Rio de Loba, celebrar a missa em memória dos técnicos oficiais de contas falecidos. A mensagem de acolhimento foi dirigida em especial aos profissionais presentes. O cônego José Henrique definiu a igreja como «um espaço aberto», classificando a OTOC como uma «Ordem de trabalhadores» e os técnicos oficiais de contas como «um grupo unido e alegre que gosta de fazer bem as coisas». Espirando a sua mensagem da eucaristia para a dura realidade nacional, o padre declarou: «Há tanta coisa boa no mundo e que não passa nos telejornais. É preciso incentivar uma onda de otimismo, assente nos valores do trabalho, da justiça, da paz e da esperança, em contraponto ao negativismo, à desorientação e à escuridão». Quase que por milagre, os primeiros raios de sol da manhã viseense rompiam por entre as

espessas nuvens, refletindo-se nos vitrais da catedral. O sol começava a associar-se à festa na cidade de S. Teotónio, o primeiro santo de origem portuguesa e cujo legado está a ser evocado nas celebrações jubilares. A música inspiradora do grupo coral de Rio de Loba contribuiu para elevar, ainda mais, o espírito. No momento propriamente dito de homenagem aos TOC falecidos, o presidente do Conselho Fiscal da Ordem fez uma leitura da Bíblia. Domingos Cravo e Joaquim da Cunha Guimarães, que recentemente deixaram o mundo dos vivos, foram lembrados nas palavras de António Cerqueira. Terminado o momento religioso, foi hora de rumar até ao ExpoCenter, na zona norte de Viseu ,para o merecido almoço. Dez minutos e outras tantas rotundas depois foi alcançado o local do "prato forte" da jornada. A

gastronomia local convenceu os estômagos mais exigentes, com uma tibornada de bacalhau, arroz de pato com frutos secos e vitela no barro preto em néctares do Dão. Os apreciadores do melhor vinho também não se sentiram desiludidos. O tinto da Casa da Ínsua fez as maravilhas das gargantas sedentas. O serviço de *buffet* apressou o fim do almoço. O café e os digestivos coincidiram com as habituais intervenções institucionais. Lurdes Rebelo foi a porta-voz da comissão organizadora escolhida pela Ordem. A TOC viseense revelou ter o «sentimento de dever cumprido» e esperou que o clima de hospitalidade, «à boa maneira beirão», estivesse a ser do agrado dos visitantes. Na mesa junto ao bastonário, encontravam-se os restantes elementos da comissão: Luís Albernaz (presidente), Cecília Ferreira, Celso Coelho, Aníbal Pinhel e Sertório Ferreira.





# X Encontro Nacional dos TOC

7 de julho 2012  
Viseu



**OTOC**  
ORDEM DOS TÉCNICOS  
OFICIAIS DE CONTAS



## Um TOC «desviado» para a política

Hermínio Magalhães, vereador da Câmara de Viseu, esteve em representação de Fernando Ruas, e algumas associações industriais e comerciais da região também responderam afirmativamente ao convite.

O dia era de festa mas o Bastonário não se esqueceu de quem teve de ficar em casa na árdua missão de remeter as IES. Sobre essas convulsões, Domingues de Azevedo criticou a administração tributária por desconhecer como se fazem formulários eletrónicos». O Bastonário ressaltou a importância de iniciativas desta natureza, que a Ordem organiza há uma década de forma consecutiva, por permitir que os familiares dos membros percebam o motivo pelo qual os profissionais passam tantas horas nos seus escritórios, sacrificando os seus entes queridos.

Domingues de Azevedo colocou o acento tónico na questão da valorização dos profissionais: «A representação por parte dos TOC dos seus clientes no processo tributário não é devidamente recompensada, como por exemplo acontece com os advogados. Exijam 10 por cento!», desafiou. O responsável máximo pela entidade reguladora da profissão acrescentou que a OTOC tem «criado condições para a valorização profissional, dotando os seus executantes de uma grande polivalência, enquanto agentes preponderantes na dinâmica social». Sobre o futuro, o Bastonário desafiou os membros a participarem no congresso de setembro, em Lisboa, sob o lema «Uma nova atitude» e anunciou prováveis alterações ao Estatuto, sendo a mais relevante a alteração de designação para «Contabilistas Certificados», o equivalente ao termo britânico *certified account*.

Uma palavra final para os organizadores da festa no terreno, pelo mérito de «em apenas um mês terem conseguido colocar de pé» mais uma edição da reunião anual dos TOC.

Hermínio Magalhães, vereador da Câmara de Viseu, revelou estar inscrito como membro da Ordem, mas as voltas da vida «levaram-me para outros caminhos, nomeadamente o Direito». Mas acabou na política. O vereador salientou o papel «muito grande» que os técnicos oficiais de contas já têm nos municípios, mas que ainda podia ser maior, facto que «aumentaria a sua utilidade formal», deixando espaço livre aos políticos para outras tarefas, depois das contas tecnicamente homologadas.

## Ritmos, poesia e palhaços

Em plena digestão, nada melhor do que rit-



mos musicais para estimular os movimentos corporais. A banda «Play» abriu as hostilidades, percorrendo muitos êxitos, uns mais novos até outros retirados do fundo do baú, desde o «Ai se eu te pego», de Michel Teló, até ao «Amanhã de manhã» das eternas Doce. O incontornável Celso Coelho, o «TOC Carreira» de Tondela, não podia faltar, ainda para mais a jogar em casa. As letras românticas conquistaram, especialmente, o público feminino, que respondeu sempre com «palminhas» aos apelos do artista. Celso Coelho aproveitou a ocasião para ofertar alguns CD da sua discografia ao Conselho Diretivo da Ordem. E numa profissão que não se limita a debitar e creditar, há os que cantam e há os que declaram poesia. É o caso de Amílcar Prata, natural de Castelo Branco, mas com residência em Coimbra. Viajou até à capital da Beira Alta para partilhar as «expressões

de um beirão». A última das quais particularmente eloquente da sua forma de estar: «Os escritos que apresento/não são obra de poeta./ São como meu pensamento/partes que a vida interpreta».

Antes da banda «Play» tocar mais uns acordes, foi tempo de chamar ao palco o grupo de cantares «Cantorias». Composto por 11 elementos, estes autodenominados «filhos da terra», de Vila Chã de Sá, arredores de Viseu, interpretaram vários temas da música tradicional e popular portuguesa, recriando e revivendo os usos e costumes de antanho.

Enquanto os mais maduros se divertiam na sala, a pequenada não fazia por menos no amplo *hall* de entrada. O casal de palhaços Joca & Pi, uma dupla vestida a preceito, entretiveram os petizes com um castelo inflável e pinturas faciais. Os gritos que se ouviram eram de contentamento. Ninguém

fez birra e nem se deu pelo tempo a passar. Quase a terminar a festa, abriu-se um bolo comemorativo personalizado com o logotipo institucional da Ordem. Foram poucos os que pensaram no peso das calorias. O chocolate fez a força e os brindes com champagne ajudaram a este final feliz.

As despedidas são sempre difíceis, mas o sorriso e a boa disposição estavam estampados no rosto de todos. Na receção, foi entregue uma lembrança para os membros. Um *souvenir* da terra do Dão, um tinto da «Quinta da Taboadela», com um selo estampado alusivo ao evento, para mais degustar...

Para dizer a verdade, só S. Pedro teve um despertar violento naquela manhã de sábado e não quis alinhar na festa. ☘



Vídeo disponível no Canal OTOC  
Fotos disponíveis no Flickr